

## ENSAIO

### UMA AUSÊNCIA, POR ENQUANTO: A MELANCOLIA NOS POEMAS DE “HEMISFÉRIO”, DE YURI EMANUEL

*Por Sidney Andrade*

Campinenses, efusivos, urbanos e introspectivos, os versos do jovem Yuri Emanuel secretam certa bile negra por entre seus vãos bem encadeados e ritmados, às vezes até ligeiros. Seu livro de estreia, *Hemisfério*, evoca uma melancolia que, longe de ser confundida com tristeza, nos convida a uma introjeção de si mesmo, a partir de seu olhar majoritariamente ensimesmado, da celebração da autoanálise, da autocrítica, da esperança no próprio devir. Engastados no cinza pálido da cidade industrializada, desenvolvida, longe das imagens áridas em tons de sépia, os poemas deste livro sobressaltam o leitor pela umidade com que tinge as cores monótonas do cotidiano que, apesar de preenchido de afazeres, se esvazia dentro de um peito angustiado.

Mas que angústia é essa, de onde ela vem? Apesar de esfera integral, a vida se fragmenta e se divide na intimidade do ser. Dois lados se opõem: o eu e o mundo. Um hemisfério é só a metade que me vale. O outro é pura falta. O peso de ser meio-mundo, mais o cansaço de esperar pela outra metade, que não se concretiza. O sentimento de busca por uma busca é um tapa-buraco, tenta suprir a falta de uma falta, e desse reconhecimento insuportável de uma ausência ausente, sobra a espera angustiada como núcleo de uma grande descontinuidade, inércia agitada que paralisa (HASSOUN, 2002).

[...]

Eu sou uma lasca da casca da árvore,

O pasto pisado, vasto e comido:

Veza ou outra, regurgito;

Veza ou outra, ressuscito.

No geral, eu só existo.

Quero cores

Que esse escuro já não basta.

(“Sincero”, p. 10)

Sendo manutenção de um desejo sem causa, mas cujo objeto é a própria ausência, a angústia aparece como manifestação ativa da melancolia, esta que, por sua vez, é pura passividade, morosidade. Por instantes, o vácuo se preenche e, ainda que indecifrável, este produto que enche o peito oscilante dá um sentido, mesmo que fugaz e mínimo, ao hemisfério que se é: “Desgraça não é ver que se confunde pelo amor/ Desgraça é ver que se amou direito./ E eu me sinto cheio/ Cansado/ Meio morto./ Eu sou um cara e tanto.../ E fim da piada.” (“Vácuo”, p. 63).

Vinda da Idade Média, quando a peste impôs aos homens uma intimidade inconveniente com a ideia da morte, a melancolia nasce como introversão, medo do inevitável, do desconhecido, aniquilador. A impotência do ser aplacado pela brutalidade do mundo só se transformou a partir do momento em que, pós século 11, o indivíduo renascentista entra em contato maior com sua própria natureza, uma vez que para se individualizar, precisava se exteriorizar. Esta exteriorização aproximou o homem de si mesmo e, nesta dinâmica, o processo de autoconhecimento ganhou importância. Analisar a própria melancolia elevou o número de biografias e dotou o objeto espelho

de uma importância perturbadora no cotidiano (Scliar, 2003).

[...]  
 A paz olhou pra ele e disse:  
 “É velho, espera que ta difícil chegar aí...”  
 E ele que já encarou leões,  
 Foi arruinado pelos coelhos.  
 Vou comprar um bicho de estimação...  
 De preferência,  
 Um espelho.  
 (“Surpreso”, p. 17)

Sujeito e objeto de si mesmo, o indivíduo diante do espelho põe em cheque o que pensa e o que não pensa, o que sente e o que não sente, o que vê e o que não vê, percebe as falhas, entende as impossibilidades do eu. Olhar-se é ser algoz e vítima, num processo incômodo, desconfortável, desconcertante, mas imensamente fértil. Do embaraço com tal confronto, a melancolia leva ao retiro. A retração, introspecção. No entanto, ao invés de isolamento, cumpre o papel de espaço da descoberta de si. Como atitude sábia, ensimesmar-se é tentar da conta da metade do mundo que nos cabe, uma vez que, aparentemente, a metade vazia, o hemisfério faltante, não se revelará jamais como apreensível ao sujeito que Poe em conflito aquilo que se é e aquilo que se sabe.

Meio-vazio, estar melancólico difere da tristeza na medida em que esta, na verdade, trata-se de uma reação natural com causa divisível e tempo de duração previsível, no transcorrer do cotidiano. Tampouco se confunde com o tédio, sentimento agudo que surge do contato com a dimensão sequencial monótona do tempo do relógio, que gira em torno do próprio eixo. Para além destes dois estados, a

melancolia pode figurar como condição existencial envolta em uma aura filosófica capaz até de atribuir certo status intelectual ao melancólico (Scliar, 2003).

[...]  
 E por falar em fazer algo, to sem vontade do que quer que seja.  
 Não é fastio, não é verme,  
 Não é luto, não é gripe, não é fome,  
 Nem saudade, muito menos é se sentir velho...  
 Valha!  
 Banzo é esse, então?  
 Deus que sabe!  
 - Vai ver, é tédio.  
 (“Por eliminação”, p. 36)

O pensar demais, ainda mais sobre si mesmo, tem o curioso efeito de ruminção das memórias, além de corroer a consciência pela incapacidade de esquecer-se: “Hoje eu tive vontade de ser criança outra vez/ Mas não tive tempo de me lembrar/ Como fazia pra esquecer/ Do tempo.” (“Surpreso”, p. 17). Mas, se por um lado, voltar-se para si mesmo configura farta fonte de pensamento, não produz ação quase alguma. Então, a atitude melancólica, que era vista como elevação intelectual apropriada, em tempos de Iluminismo, transforma-se em empecilho social para a era pós-industrialização.

Da modernidade à pós-modernidade, os indivíduos viram-se sujeitados à inevitável falta de tempo. Dedicar-se à autoanálise pressupõe um intervalo que não pode ser desperdiçado por quem precisa vender suas horas para garantir o salário e o sustento. Posteriormente, quanto mais introspectivo, menos socializável. Não se reflete, se divulga. O espelho perdeu seu lugar para a lente da câmera, porque

o tempo de pensamento anula o tempo de exibição. A melancolia, assim, passou a se manifestar no campo da inadequação. Conseqüentemente, tornou-se causa de sofrimento e angústia ao melancólico atual.

A subjetividade se realiza, agora, no tempo presente, no nível do instantâneo, na manifestação do desejo, na demonstração da embalagem imune à ação do tempo, no corpo sem marcas. Em plena sociedade de consumo, o sofrimento psíquico brota da artificialidade sexual, moral, subjetiva. A introspecção melancólica coloca o indivíduo na borda, uma vez que o destitui da vontade do consumo. Ele se encontra no tempo da eternidade, sem pressa, sem desejo que o fisgue, sem limite que o delinieie (PEREIRA, 2012). Melancolia, ao que parece, é submeter-se (ou permitir-se) ao aprisionamento dentro de um enorme e indefinido, mas claustrofóbico, “por enquanto”.

[...]  
 Eu não quero mais ter que levantar a mão.  
 Quero só chorar se for preciso,  
 E pedir ao tempo que cure a ferida.  
 Continuo sem sentir saudades,  
 Continuo com a memória ruim.  
 Mas só o fato de continuar já me é alguma vitória.  
 (“Trocadilho”, p. 20)

Sem perspectiva, não há o que a psicanálise chama de investimento. Sem investimento, não há desejo. Sem desejo, como conviver harmonicamente na sociedade de consumo? A construção narrativa da própria história possibilita que os sujeitos tramem as próprias existências. Investir é confiar na promessa que se faz a si mesmo, acreditar no final feliz para o conto que se forja para o futuro da

própria vida, ainda que o tempo futuro pós-moderno seja imediato, na medida da satisfação de desejos que se sucedem. Quando não se consegue articular uma sucessão narrativa que encadeie os flashes cotidianos e que dê base para o prognóstico do próprio devir, sobra apenas o apego ao “por enquanto”, uma vez que a imagem do futuro revela-se idêntica à do presente (PEREIRA, 2012). Algo se perdeu, mas não se sabe o quê. Talvez a própria possibilidade de se subjetivar dialeticamente esteja perdida. Por enquanto, tem-se apenas a si mesmo, sem querer. E nesse eterno “por enquanto”, a poesia é o que promete certa redenção:

[...]  
 Que jamais me falte a caixa de fotografia,  
 Pra que os sorrisos venham sempre lavados pelas lágrimas,  
 E as lágrimas por saudade e saudação, que é o soluço.

Que a praga a mim enviada o vento leve,  
 Que os quatro cantos esqueçam meu nome,  
 Mas que a Terra um dia me aceite tal como sou.  
 Que eu seja mais do que sou agora,  
 (“Reza”, p. 75)

Certa crueldade (para consigo e para com o mundo), no entanto, dá ao melancólico a coragem de enfrentar a própria carência de um futuro. Não se ilude, o que é bom e mau. Mas encara a falta, sem recuar. O medo de não sentir lhe arranca, ironicamente, o medo de perder. Esse medo medonho de não viver é o que sustenta a vida, anestesia o grande “por enquanto” à flor da pele, torna o tédio e a tristeza suportáveis, quase bem-vindos, agrídoces.

Os carros passam lá na frente, e me deixam no sobresalto  
 Panelas assobiam e distribuem calor.  
 E eu que não tenho dinheiro pra flores, volto da venda  
 E encaro o coentro como um buquê de rosas sobre a mesa.  
 O sol que embaçava a linha do asfalto  
 Dá uma trégua atrás de uma nuvem;  
 Me valho da sombra pra me refrescar,  
 E sendo assim, a vida se resolve sem promessas...  
 São minhas as juras que ainda restam  
 Do lado da janela,  
 Guardadas,  
 Na caixinha do sal.  
 (“Meio-dia”, p. 13)

A metade que se é e a metade que falta, longe de idealismo romântico, constituem a busca pela consciência de si mesmo em meio ao caos de tantos “eles mesmos”. Delinear este limite entre dois polos leva tempo e, não raro, evoca dores abstratas quase invisíveis. Em “Hemisfério”, lê-se o encontro grave (e mesmo acidental) do eu com sua inquietude autorreflexiva, colorindo de marrom outonal, silencioso e quieto, o pasmo de se deparar com um excesso de consciência inesperado. Se ser um só já me transborda deste lado, que coisas imensas não haverá daquele outro lado que me ultrapassa?

## REFERÊNCIAS:

- EMANUEL, Yuri. Hemisfério. Cidade do Porto: Editora World Art Friends, 2010.
- HASSOUN, Jacques. A crueldade melancólica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- PINHEIRO, Tereza. O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade. In: VERZTMAN, Julio; et. AL. (orgs). Sofrimentos Narcísicos. Rio de Janeiro: Cia de Freud, UFRJ, 2012. pp. 17-38.
- SCLIAR, Moacyr. Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

---

**SIDNEY ANDRADE (PARAÍBA)** - Escritor, Jornalista e mestrando em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Colabora com crônicas para o site de notícias culturais campinenses Livre Pauta ([www.livrepauta.com](http://www.livrepauta.com)) e tem publicado digitalmente o livro de contos “A Olho Nu”, disponível para download gratuito em [www.sidneyandrade.blogspot.com](http://www.sidneyandrade.blogspot.com)